

Fecha de recepción: abril 2026
Fecha de aceptación: junio 2026

Design gráfico decolonial: desconstruindo narrativas coloniais e fortalecendo a identidade negra

Murilo Borges y Fabiane Pianowski⁽¹⁾

Resumo: Este artigo apresenta a análise do papel do design gráfico nos processos de descolonização visual e na construção de identidades negras no contexto contemporâneo, propondo-se como uma cartografia qualitativa da produção acadêmica publicada entre 2016 e 2024, a partir de buscas sistemáticas no Google Acadêmico e no Portal de Periódicos da Capes. O corpus de análise foi composto por artigos, dissertações e teses que abordam a relação entre design, decolonialidade e representações da negritude. O marco teórico fundamenta-se em contribuições de autores decoloniais como Aníbal Quijano e Walter Dignolo, articuladas com reflexões críticas de bell hooks, Ellen Lupton e Ruben Pater, entre outros, que evidenciam como a cultura visual reproduziu narrativas coloniais e racistas ao longo da história. A partir de uma análise de conteúdo e comparativa, identificou-se que imagens, ilustrações e fotografias constituem os elementos mais recorrentes nas práticas de resistência, acompanhadas de estratégias vinculadas à ressignificação de símbolos, à tipografia e ao uso político da cor. O estudo destaca três eixos de investigação: o design como prática antirracista e de resistência; a crítica às visualidades hegemônicas; e a representação da negritude em ambientes digitais atravessados pelo racismo algorítmico. Entre as principais conclusões, afirma-se que o design gráfico, longe de ser neutro, configura-se como ferramenta política e estética capaz de desconstruir narrativas coloniais, visibilizar experiências historicamente subalternizadas e contribuir para a justiça social por meio da criação de novas narrativas visuais mais inclusivas e emancipatórias.

Palavras-chave: design decolonial - racismo visual - negritude - comunicação visual - identidade negra.

[Resúmenes en inglés y portugués en la página 142]

(1) Ver CV en pág. 144

1. Introdução

Na contemporaneidade, o design gráfico transcende sua função estética para se posicionar como uma ferramenta estratégica de descolonização visual. Nesse contexto, reconhece-se que a cultura visual e os ambientes socioculturais influenciam profundamente a construção das identidades e das formas de percepção do mundo.

Diante das desigualdades raciais e das narrativas visuais que o colonialismo ainda projeta, torna-se urgente desconstruir estereótipos e promover representações mais plurais e críticas da negritude. Como aponta Lupton (2023, p. 12), “o racismo sistêmico também afeta nossa compreensão da arte, do design e da cultura”. De modo complementar, Buckley (2025, p. 14) destaca que “o patriarcado dita as regras do design: quem cria, o que é valorizado e como essa história é contada”.

Para contribuir com esse debate, este artigo apresenta uma cartografia temática da produção acadêmica sobre descolonização visual no design gráfico, com o objetivo de analisar as principais linhas de pesquisa, metodologias e lacunas do campo. Além disso, mobiliza estudos de caso e exemplos extraídos da literatura analisada, com vistas a aprofundar as discussões teóricas.

O objetivo geral consiste em investigar as estratégias visuais empregadas pelo design gráfico nos processos de descolonização, identificando suas abordagens e desafios. Como objetivos específicos, o estudo propõe:

- Mapear os principais conceitos e teorias sobre descolonização visual no design gráfico;
- Analisar as estratégias visuais utilizadas em projetos gráficos que contribuem para a desconstrução de narrativas coloniais;
- Identificar as principais linhas de pesquisa, contradições e lacunas do campo, indicando caminhos para futuras investigações.

Ao explorar essas dimensões, espera-se contribuir para a ampliação do conhecimento teórico e prático no campo da comunicação visual e das relações raciais, oferecendo subsídios para designers, artistas, ativistas e pesquisadores na criação de projetos que valorizem a diversidade e promovam transformação social.

Para cumprir esses objetivos, o artigo está estruturado em quatro seções. Inicialmente, apresenta-se a metodologia da pesquisa, detalhando os procedimentos de busca, seleção e análise dos estudos. Em seguida, discutem-se as contradições e lacunas do campo. Posteriormente, analisam-se as estratégias visuais de descolonização, incluindo o racismo visual, a reconfiguração de símbolos, o uso de cores e tipografias e a construção de novas narrativas. Por fim, a conclusão reúne os principais achados e aponta direções para pesquisas futuras.

2. Metodologia

Este estudo caracteriza-se como uma cartografia de abordagem qualitativa, orientada ao mapeamento da produção acadêmica sobre descolonização visual no campo do design gráfico.

A construção do corpus ocorreu por meio de uma busca sistemática nas bases Google Acadêmico e Portal de Periódicos CAPES, utilizando as palavras-chave “descolonização visual”, “design decolonial” e “design gráfico e identidade negra”. O recorte temporal abrange o período entre 2016 e 2024.

Foram considerados como critérios de inclusão: (a) trabalhos que abordassem diretamente a relação entre design gráfico, decolonialidade e identidade negra; (b) produções acadêmicas revisadas, incluindo artigos científicos, dissertações de mestrado e teses de doutorado; e (c) textos disponíveis integralmente nas bases consultadas. Como critérios de exclusão, foram desconsiderados trabalhos duplicados, produções sem relação direta com o tema e publicações de caráter não acadêmico.

O processo resultou em um corpus final composto por 11 trabalhos selecionados, analisados em profundidade com base nos critérios definidos.

Após a seleção do material, procedeu-se à análise de conteúdo, com o objetivo de identificar e categorizar as principais abordagens e recorrências do campo. A análise foi conduzida a partir de uma abordagem temática, orientada pela identificação de padrões nos estudos selecionados. Inicialmente, realizou-se uma leitura exploratória do corpus, seguida de uma etapa de codificação aberta, na qual foram identificadas unidades de sentido relacionadas às estratégias visuais de descolonização.

Posteriormente, essas unidades foram agrupadas em categorias temáticas, com base em critérios de similaridade e frequência de ocorrência, resultando na definição de três eixos principais de análise, que estruturam a discussão apresentada neste artigo.

A partir desse processo, os temas foram sistematizados em categorias temáticas, apresentadas na Tabela 1. Em seguida, foi conduzida uma análise comparativa entre os estudos selecionados, visando identificar lacunas, contradições e tendências emergentes na produção acadêmica. Os exemplos visuais e estudos de caso mobilizados ao longo do texto foram extraídos do corpus analisado, sendo utilizados como recursos analíticos para a discussão das estratégias de descolonização visual.

2.1 Resultados da análise de conteúdo

Conforme a metodologia adotada, a análise de conteúdo dos estudos mapeados permitiu identificar um conjunto de estratégias visuais recorrentes nos processos de descolonização no design gráfico, organizadas em diferentes categorias temáticas.

De modo geral, os resultados indicam a predominância de três eixos principais: (1) o uso de imagens e arquivos visuais como dispositivos de reconfiguração de narrativas; (2) a produção gráfica e ilustrativa como forma de subversão estética; e (3) a ampliação dos suportes visuais e midiáticos na construção de práticas decoloniais.

No primeiro eixo, as imagens fotográficas e os arquivos visuais, em sentido ampliado, assumem centralidade nas discussões sobre representações da negritude, sendo mobilizados para reconfigurar narrativas, denunciar o racismo algorítmico e promover processos de emancipação do olhar (De Carli, 2017; Flores & Järdeemar, 2019; Fernandes & Dasinger, 2024).

No segundo eixo, as ilustrações e os projetos gráficos destacam-se como meios recorrentes de subversão estética, tanto na construção de identidades no universo do livro infantil (Silva & Moreira, 2024) quanto em campanhas de conscientização em redes sociais (Costa, 2022). Nesse contexto, o campo da publicidade histórica e contemporânea, emerge como espaço privilegiado de crítica, evidenciando processos de objetificação e demandando intervenções de caráter político e visual (Borges, 2019).

Por fim, o terceiro eixo evidencia a diversidade de suportes e linguagens mobilizados pelas práticas decoloniais. A análise identificou o uso do cinema e da linguagem audiovisual na desestabilização de regimes hegemônicos de visualidade (Toniazzi, 2022), bem como a ressignificação de gravuras coloniais por meio de performances artísticas contemporâneas (Meirinho, 2023). Além disso, destacam-se iniciativas como a criação de animações voltadas ao empoderamento (Corat & Henriques, 2016), o desenvolvimento de tipografias e grafismos de resistência cultural (Backx, 2018) e a reavaliação crítica de murais e monumentos no espaço urbano (Borges, 2019).

De forma geral, os resultados indicam que a descolonização visual no design gráfico, ancorada em perspectivas decoloniais, caracteriza-se pela articulação entre diferentes linguagens, suportes e estratégias estéticas, evidenciando o potencial do design como prática crítica e política na reconfiguração das visualidades contemporâneas.

2.2 Linhas de Pesquisa Predominantes e Abordagens Metodológicas

O campo da descolonização visual no design gráfico caracteriza-se por sua natureza multi e transdisciplinar, articulando diferentes áreas do conhecimento na análise das visualidades contemporâneas.

A partir do mapeamento realizado, conforme descrito na seção de Metodologia, foi possível identificar um conjunto de linhas de pesquisa predominantes, evidenciando a diversidade de abordagens que estruturam o campo.

As áreas com maior incidência de estudos incluem Design Gráfico, Cultura Visual, Comunicação, Artes Visuais, Estudos Raciais, Estudos Pós-coloniais e Decoloniais, Sociologia, História, Antropologia, Estudos Feministas, com destaque para o feminismo negro e, mais recentemente, Estudos de Tecnologia e Algoritmos.

Essa configuração evidencia que a descolonização visual no design não se constitui como um campo disciplinar isolado, mas como um espaço de convergência teórica e metodológica, no qual diferentes perspectivas críticas são mobilizadas para compreender e intervir nas dinâmicas de produção, circulação e interpretação das imagens.

A Tabela 1 apresenta a sistematização do *corpus* analisado, reunindo os estudos selecionados, seus respectivos autores, anos, tipos de publicação e categorias temáticas identificadas na análise de conteúdo.

Tabela 1. Produção acadêmica analisada sobre descolonização visual no design gráfico:
corpus e categorias temáticas (2016 - 2024)

Título	Autor(es)	Ano	Tipo de publicação	Categorias temáticas
Descolonizar o olhar: o amálgama entre texto, projeto gráfico e ilustração na obra de Anabella López	Vívian Stefanne Soares Silva; Paula Renata Melo Moreira	2024	Artigo	Design gráfico como prática decolonial e de resistência
Vistas imperiais: visualidades coloniais e processos de descolonização	Teresa Mendes Flores; Cecília Jårdemar	2019	Artigo	Subversão de narrativas coloniais e crítica às visualidades hegemônicas
A descolonização das imagens na cinescrita de Agnès Varda: manifesto para uma emancipação do olhar	Fernanda Toniazzi	2022	Dissertação	Subversão de narrativas coloniais e crítica às visualidades hegemônicas
Design gráfico como forma de descolonização: um estudo e reflexão sobre discursos visuais de discriminação e formas de combatê-los	Inês Silva Borges	2019	Dissertação	Design gráfico como prática decolonial e de resistência
O design gráfico inclusivo como ferramenta de empoderamento de jovens negras	Cristina de Souza Corat; Fernanda Henriques	2016	Artigo	Design gráfico como prática decolonial e de resistência
O impacto do racismo algorítmico para a publicidade: uma análise da representatividade negra no banco de imagens Freepik	Lucas Fonseca Fernandes; Raphaela Mendes Monteiro Dasinger	2024	Trabalho de Conclusão de Curso	Representações da negritude em meios digitais e algoritmos
Ressignificações contemporâneas dos imaginários racializados nas artes visuais	Daniel Meirinho	2022	Artigo	Design gráfico como prática decolonial e de resistência
Não me diga isso: uma campanha que explora o design gráfico como ferramenta antirracista	Eduardo Gomes Costa	2022	Trabalho de Conclusão de Curso	Representações da negritude em meios digitais e algoritmos
De Shirley a Sheila: apontamentos para uma descolonização do jornalismo a partir da imagem	Anelise Angeli De Carli	2017	Artigo	Subversão de narrativas coloniais e crítica às visualidades hegemônicas
Black Rio	Felipe Gomes Backx	2018	Trabalho de Conclusão de Curso	Design gráfico como prática decolonial e de resistência
Design brasileiro no giro decolonial	Flávio Ferreira; Juliana Franco	2022	Artigo	Design gráfico como prática decolonial e de resistência

Nota. Elaboração própria.

A análise da Tabela 1 evidencia a predominância de estudos que abordam o design gráfico como prática decolonial e de resistência, indicando uma forte ênfase no potencial crítico e político do campo. Observa-se também a presença significativa de pesquisas voltadas à crítica das visualidades hegemônicas, bem como um crescimento recente de investigações sobre racismo algorítmico e ambientes digitais.

Com base nessa sistematização, os estudos analisados foram organizados em três categorias temáticas principais, conforme as recorrências identificadas na análise de conteúdo:

- Design gráfico como prática decolonial e de resistência: compreende estudos que posicionam o design como ferramenta ativa no enfrentamento de discursos discriminatórios, buscando descolonizar o pensamento, a memória histórica e as instituições, com vistas à promoção da justiça social.
- Subversão de narrativas coloniais e crítica às visualidades hegemônicas: reúne pesquisas que analisam os regimes de visualidade coloniais e suas formas de reprodução, propondo estratégias críticas de deslocamento e ressignificação, como no uso do cinema (Agnès Varda) e de arquivos visuais coloniais de forma crítica.
- Representações da negritude em meios digitais e algoritmos: engloba estudos que investigam a persistência do racismo em ambientes digitais, com ênfase no racismo algorítmico e na sub-representação de sujeitos negros em bancos de imagens e sistemas automatizados.

No que se refere às abordagens metodológicas, observou-se a predominância de estratégias como revisão bibliográfica e reflexão teórica, análise visual (de imagens, publicidade, obras de arte e arquivos), estudos de caso e pesquisas baseadas em projeto/prática, nas quais o design atua simultaneamente como objeto e método de investigação. Destaca-se, ainda, a presença de abordagens autobiográficas, especialmente em pesquisas desenvolvidas por autores negros, nas quais a experiência situada opera como elemento articulador da análise. Além disso, a etnografia emerge como metodologia relevante para a investigação de fenômenos em ambientes digitais.

3. Contradições e lacunas no campo

Embora o campo da descolonização visual no design gráfico apresente crescimento e diversidade de abordagens, a análise dos estudos evidencia a presença de tensões teóricas e lacunas metodológicas que ainda limitam seu desenvolvimento.

Uma das principais tensões identificadas refere-se à articulação entre perspectivas pós-coloniais/decoloniais e teorias do imaginário, indicando dificuldades na integração entre diferentes matrizes teóricas. Outro ponto crítico reside na análise dos sistemas algorítmicos: embora os efeitos do racismo algorítmico sejam amplamente evidenciados, como o apagamento de pessoas não brancas, ainda há limitações em atribuir intencionalidade ou estrutura racista aos algoritmos sem investigações mais aprofundadas sobre seu

funcionamento interno (Fernandes & Dasinger, 2024). Tal questão tensiona a própria possibilidade de descolonização do pensamento em ambientes digitais estruturalmente mediados por tecnologias opacas.

A partir da análise do *corpus*, destacam-se as seguintes lacunas prioritárias para o avanço do campo:

1. Especificidades técnicas e metodológicas do design decolonial na prática: necessidade de aprofundar como princípios decoloniais e antirracistas podem ser operacionalizados em processos de design gráfico, ferramentas e metodologias concretas, superando abordagens predominantemente teóricas.
2. Análise crítica de sistemas algorítmicos: aprofundamento na investigação de como vieses raciais são incorporados em sistemas automatizados, incluindo critérios técnicos, bases de dados e processos de treinamento.
3. Contribuições históricas de estéticas não ocidentais: ampliação dos estudos sobre como matrizes visuais africanas, afro-brasileiras e outras epistemologias não ocidentais podem reconfigurar fundamentos do design gráfico contemporâneo.
4. Experiências e trajetórias de designers negros: maior atenção às condições de inserção profissional, estratégias de atuação e enfrentamento do racismo estrutural no campo do design gráfico.
5. Interseccionalidade na prática do design gráfico: desenvolvimento de abordagens que consigam representar, de forma não simplificada, a complexidade das interseções entre raça, gênero, classe e sexualidade.
6. Avaliação de resultados e impactos de intervenções de design: necessidade de estudos que analisem de forma mais sistemática os efeitos concretos de projetos, campanhas e práticas de design gráfico decolonial.

De modo geral, essas lacunas indicam que, embora o campo apresente avanços significativos no plano teórico e crítico, ainda há necessidade de maior aprofundamento metodológico e empírico, especialmente no que se refere à operacionalização das práticas de descolonização visual no design gráfico.

4. O contexto do racismo visual e a necessidade de descolonização

O design gráfico e a cultura visual desempenham papel central na produção e circulação de imagens que moldam percepções sociais, identidades e relações de poder. Nesse contexto, observa-se a predominância histórica de uma estética eurocêntrica, acompanhada pela sub-representação ou distorção de identidades negras nos meios visuais.

Experiências cotidianas de consumo visual, como capas de filmes, séries e produtos culturais, evidenciam como essas dinâmicas operam de forma naturalizada, contribuindo para a reprodução de padrões visuais excludentes e hierarquizados.

Essa lógica se articula com a maneira pela qual o design gráfico, ao longo da história, reforçou narrativas coloniais, marginalizando corpos e estéticas não brancas. Como sugere

o provérbio africano citado por Lupton (2020, p. 12), “até que o leão conte a sua versão, a história da caçada sempre exaltará o caçador”, evidenciando a centralidade do poder na construção das narrativas visuais.

Historicamente, o design gráfico e a cultura visual têm sido cúmplices na propagação de discursos coloniais e racistas, manifestando-se na ausência de representações de pessoas negras, na reprodução de estereótipos negativos e na objetificação da negritude. Essa dinâmica está vinculada a estruturas de racismo institucional e histórico, diretamente relacionadas à herança colonial. Nesse sentido, como argumenta Mignolo (2011, p. 2), a modernidade constitui uma narrativa que, ao se originar na Europa, constrói a civilização ocidental a partir de seus próprios referenciais, estabelecendo hierarquias epistemológicas e culturais.

Como destaca Quijano (2002), o conhecimento europeu foi historicamente imposto como forma dominante e legítima de produção de saber, contribuindo para a marginalização de outras epistemologias. Nesse sentido:

A descolonização, em suas diversas formas — visual, do olhar, do pensamento e do design —, é central para romper com padrões estruturais e as narrativas hegemônicas. Isso se faz necessário pois, por séculos, o saber europeu foi globalmente imposto e admitido como a única racionalidade legítima e como modo dominante de produção de conhecimento. (Quijano, 2002)

Além disso, exemplos históricos da publicidade evidenciam a materialização dessas estruturas. As figuras 1 e 2, extraídas do estudo de Borges (2019), apresentam anúncios que exemplificam a construção de estereótipos raciais na cultura visual.



Figura 1 e 2 - Propagandas racistas para o produto Duplex Graxa e Sabonete Arêgos.

Nota. 1. Adaptado de Duplex Graxa [Propaganda], por autor desconhecido, s.d. 2.

Adaptado de Sabonete Arêgos [Propaganda], por R. Caldevilla, 1917.

No primeiro exemplo, conforme analisam Silva e Cotrim (2018):

O preto selvagem e infantil, o amarelo perverso e sonso, são estereótipos recorrentes da primeira metade do século, razão para justificar impérios e colônias. Vendendo produtos de origem exótica como chá e o café ou sublinhando a estratificação da pirâmide social, a publicidade, a quem nada escapa, copiava a literatura popular e a propaganda oficial em registo caricatural também presente no cartum e na banda desenhada. Ironicamente em azul, a Duplex faz o pleno, juntando o negro da jazz-band e o chinês do rabicho para vender duas caixas de graxa pelo preço de uma. (Silva & Cotrim, 2018)

O segundo exemplo, também analisado por Borges (2019) em sua pesquisa sobre discursos de discriminação, refere-se ao cartaz de Raul de Caldevilla para o Sabonete Arêgos. A imagem retrata uma criança branca “limpando” o rosto de um homem negro, transformando-o em branco sob a frase “...só falta metade...”. O cartaz, que afirmava que o “sabonete Arêgos embranquece e cura a pele”, reforça o estereótipo da pele negra como suja e indesejável, em contraste com a pele branca, representada como pura e superior. Nesse sentido, a peça publicitária objetiva a transformação do homem negro em branco como uma forma de “melhoria”, evidenciando a persistência de discursos que sustentam estereótipos raciais.

Essa problemática se estende ao ambiente digital por meio do racismo algorítmico, no qual plataformas e bancos de imagens, como o Freepik, podem reproduzir e ampliar desigualdades históricas. Pesquisas indicam que algoritmos, frequentemente desenvolvidos em contextos marcados por desigualdades raciais, tendem a reproduzir vieses que resultam no apagamento de pessoas negras em determinadas ocupações, como as de advogado, médico e engenheiro, tradicionalmente associadas a sujeitos brancos. Embora a interface inicial dessas plataformas sugira diversidade, análises mais aprofundadas das buscas evidenciam a permanência de padrões excludentes. Como argumenta bell hooks (2019), a representatividade não se limita à presença visual, mas está diretamente relacionada às estruturas de poder que definem quem pode ser visto e como é representado.

Outro caso mais recente que evidencia a permanência desses discursos é o anúncio da Dove (2017), apresentado na Figura 3 e analisado por Borges (2019). A peça, divulgada nas redes sociais, mostrava uma sequência de mulheres que, ao retirarem suas camisetas, revelavam a próxima imagem, culminando na transição de uma mulher negra para uma mulher branca. As reações foram imediatas. Como observa a autora, “mesmo que não tenha sido objetivo da campanha ter uma abordagem racista, não conseguimos deixar de nos lembrar das representações publicitárias etnocêntricas da viragem do século XIX para o XX, que representavam o corpo negro como algo que pode ou deve ser ‘branqueado’”.



Figura 3 - Publicidade Racista da Dove. Nota. Dove [Propaganda comercial], de Dove, 2017.

A descolonização, em suas múltiplas dimensões: do olhar, do pensamento e do próprio design, constitui um movimento fundamental para a ruptura com padrões estruturais e narrativas hegemônicas. Como afirma Ruben Pater (2020), “o design não é neutro”, evidenciando seu papel ativo na produção e na reprodução de discursos sociais, incluindo aqueles de caráter discriminatório.

Nesse sentido, descolonizar o design implica reconhecer e tensionar essa herança histórica, promovendo uma reorientação crítica de seus fundamentos. Tal processo envolve a busca por uma “emancipação do olhar” (Toniazzi, 2022, p. 1), entendida como a capacidade de questionar regimes visuais naturalizados e abrir espaço para outras formas de ver, representar e significar.

Assim, mais do que uma proposta estética, a descolonização do design configura-se como uma prática política e epistemológica, voltada à desconstrução da hegemonia eurocêntrica e à incorporação de saberes, experiências e práticas decoloniais na produção visual contemporânea.

5. Estratégias visuais para a descolonização no design gráfico

A partir das discussões apresentadas na seção anterior, torna-se evidente que o design gráfico não apenas participa da reprodução de estruturas coloniais, mas também possui potencial para atuar ativamente em sua transformação. Nesse sentido, a descolonização visual no design se manifesta por meio de estratégias que reconfiguram estéticas, cores,

tipografias e narrativas, desafiando regimes de visualidade historicamente naturalizados. O design gráfico molda percepções, comportamentos e relações sociais, podendo tanto reforçar estruturas de poder quanto operar como ferramenta de resistência e mudança. Assim, compreender e mobilizar estratégias visuais de caráter decolonial implica reconhecer o design como prática crítica, capaz de tensionar o chamado “olhar colonial” e propor novas formas de representação.

5.1 Reconfiguração de símbolos e estéticas

A apropriação e a ressignificação de símbolos configuram-se como estratégias centrais nos processos de descolonização visual. Elementos visuais historicamente marginalizados ou invisibilizados passam a ser rearticulados como signos de resistência, identidade e afirmação política. Nesse contexto, símbolos como o “punho negro erguido” consolidaram-se como ícones de luta e orgulho racial, evidenciando o potencial do design na construção de narrativas contra-hegemônicas.

Um exemplo contemporâneo dessa dinâmica pode ser observado no caso “Marielle Vive”. As placas em homenagem à vereadora Marielle Franco tornaram-se amplamente difundidas em manifestações e espaços públicos após seu assassinato, operando como dispositivos visuais de memória, denúncia e mobilização política. A destruição dessas placas por figuras públicas e agentes políticos não apenas reforçou seu caráter simbólico, mas também intensificou sua circulação e reapropriação nos movimentos sociais.

Em resposta às tentativas de apagamento, a iniciativa de arrecadação virtual para a produção de mil placas expandiu-se significativamente, resultando em mais de 15 mil unidades distribuídas pelo Brasil e pelo mundo, consolidando-se como um ícone global de luta por justiça e direitos humanos, conforme ilustrado na Figura 4.



Figura 4 - Placas distribuídas na Cinelândia, fotografia. **Nota.** Adaptado de *Placas distribuídas na Cinelândia* [Fotografia], B. Lopes, 2018.

Esse fenômeno evidencia como a reapropriação de um símbolo pode operar como resposta direta a processos de apagamento de personalidades negras, LGBTQIA+ e mulheres. Como aponta a professora Ynaê Lopes (apud Salgado, 2019, p. 1): “infelizmente foi necessário que uma mulher negra, de origem pobre, LGBT e defensora dos direitos humanos fosse executada para que as pautas por ela defendidas ganhassem mais notoriedade”.

Nesse contexto, a incorporação de elementos estéticos e simbólicos provenientes de culturas não ocidentais, como grafismos indígenas e padrões africanos, configura-se como estratégia relevante para a promoção da descolonização visual, ao tensionar repertórios visuais eurocentrados e ampliar possibilidades de representação.

Além disso, as linguagens mobilizadas nessas abordagens de design decolonial podem assumir diferentes tonalidades: sarcásticas, críticas, bem-humoradas ou didáticas, ampliando o alcance comunicativo e favorecendo o engajamento do público na problematização de discursos naturalizados. Um exemplo é a campanha “Não Me Diga Isso”, de Costa (2022), ilustrada na Figura 5, que utiliza o humor como estratégia para tensionar expressões racistas presentes no cotidiano.



Figura 5 - Campanha Não Me Diga Isso. Nota. Adaptado de *Não me diga isso: Uma campanha de exploração do design gráfico como ferramenta antirracista* [Trabalho de conclusão de curso], de E. G. Costa, 2022.

5.2 O uso consciente de cores e tipografias

As cores constituem elementos fundamentais na construção de significados culturais e políticos no design gráfico. Longe de serem neutras, carregam valores simbólicos historicamente situados, podendo ser mobilizadas como instrumentos de afirmação identitária e resistência. Como destaca Borges (2019, p. 156), “o vermelho, na bandeira cabo-verdiana, simboliza o esforço e a luta que o país passou para sua independência”, evidenciando o potencial da cor como linguagem política e comunicacional.

No campo da tipografia, a crítica recai sobre a suposta neutralidade de determinadas fontes amplamente difundidas. A Helvetica (Figura 6), por exemplo, frequentemente considerada “universal”, está profundamente associada ao design modernista ocidental e à cultura corporativa, sendo sua neutralidade entendida como um “mito” (Experimental Jetset, 2003 *apud* Pater, 2020, p. 53).

Nesse sentido, a descolonização tipográfica busca questionar tais pressupostos, promovendo a valorização de sistemas de escrita historicamente marginalizados, como os alfabetos africanos Tifinagh e N’Ko, bem como o desenvolvimento de tipografias que dialoguem com diferentes tradições linguísticas. Essa perspectiva propõe não a hierarquização entre alfabetos, como frequentemente ocorre na adaptação de sistemas não latinos, mas a construção de soluções tipográficas que respeitem a diversidade estética e cultural das escritas, como no diálogo entre alfabetos árabe e latino (Pater, 2020, p. 31).



Figura 6 – Amostra da fonte Helvetica. **Nota.** Adaptado de *Helvetica* [Amostra tipográfica], por Linotype, s.d. <https://www.deefont.com/helvetica-font-family>

Nesse contexto, o debate sobre o uso de maiúsculas e minúsculas ultrapassa uma dimensão meramente estética, configurando-se como uma questão política e simbólica. Em determinados contextos históricos, especialmente no período colonial, práticas linguísticas e tipográficas contribuíram para a construção e a naturalização de hierarquias sociais, como no uso de maiúsculas para designar grupos associados ao poder, em contraste com a grafia em minúsculas para outros grupos racializados. De modo semelhante, títulos de autoridade, como “Rei” e “Doutor” (Ph.D.), foram tradicionalmente associados ao uso de caixa alta, reforçando relações simbólicas entre tipografia e poder.

Essa associação entre caixa alta, autoridade e tradição também influenciou movimentos do design moderno. Designers ligados à Bauhaus, por exemplo, questionaram o uso das letras maiúsculas, defendendo sua simplificação ou eliminação como parte de um projeto de racionalização da linguagem visual, ainda que esse gesto também dialogue com estruturas culturais específicas do contexto europeu.

Nesse cenário, a escolha de utilizar exclusivamente letras minúsculas, como no caso do pseudônimo de bell hooks, pode ser compreendida como uma estratégia crítica de ruptura com convenções linguísticas e simbólicas. Ao adotar essa forma de escrita, a autora desloca o foco da autoridade do nome para o conteúdo de sua produção, enfatizando, como afirma, “a substância de seus livros, e não quem eu sou” (Williams, 2006). Tal gesto ultrapassa a dimensão formal, configurando-se como uma prática política que tensiona hierarquias inscritas na linguagem.

Seguindo essa perspectiva de descolonização tipográfica, ganham relevância práticas que valorizam expressões culturais específicas e promovem a ressignificação de repertórios visuais. Um exemplo é o projeto de conclusão de curso “Black Rio” (Backx, 2018), que propõe o desenvolvimento de uma tipografia inspirada no movimento musical, cultural e político que emergiu no subúrbio carioca na década de 1970 (Figura 7). A partir de uma pesquisa visual baseada em capas de discos, cartazes e fotografias da época, o projeto busca resgatar e revalorizar um fenômeno central da cultura negra brasileira, traduzindo graficamente a energia, o ritmo e a estética dos bailes blacks.



Figura 7 - Exemplo da fonte Black Rio. Nota. Adaptado de *Black Rio: Design brasileiro no giro decolonial* [Trabalho de conclusão de curso de graduação], de F. Backx, 2018.

É importante destacar que a pesquisa desenvolvida no projeto “Black Rio” identificou a fonte Cooper Black como um elemento tipográfico recorrente e influente na cultura black da década de 1970. Desenhada em 1921 por Oswald Bruce Cooper, essa fonte serifada foi inicialmente criticada, sendo associada à expressão “The Black Menace” (“A ameaça negra”) em função de sua elevada densidade visual, mas posteriormente ganhou ampla popularidade devido à sua anatomia robusta e marcante.

Sua presença em capas de discos, como *Goodbye My Love*, de James Brown (Figura 8), bem como em vestuário e materiais visuais associados à cultura black, evidencia como determinados recursos tipográficos podem ser ressignificados e apropriados por

movimentos culturais específicos. Nesse processo, a tipografia deixa de ser apenas um elemento formal para atuar como vetor de identidade, ritmo e expressividade. No contexto do projeto analisado, a escolha da Cooper Black está relacionada à busca por traduzir graficamente o que o autor denomina como um “peso tipográfico” associado ao movimento, articulando forma, cultura e memória. Tal abordagem evidencia o potencial do design gráfico como ferramenta de afirmação cultural e de valorização de repertórios visuais ligados à população negra (Backx, 2018).



Figura 8 - Disco “Goodbye my love” de James Brown. **Nota.** Adaptado de *Goodbye My Love*, de J. Brown [Capa de disco], 1974.

A chamada “tipografia étnica”, frequentemente associada à estilização de elementos culturais de forma estereotipada, é amplamente criticada por reduzir culturas complexas a signos visuais simplificados e exotificados. Um exemplo recorrente é o uso da fonte Neuland em produtos relacionados a culturas afro-diaspóricas, muitas vezes descontextualizada e associada a imaginários genéricos, o que contribui para a reprodução de estereótipos visuais. Esse tipo de abordagem limita as possibilidades de representação, impedindo que grupos historicamente marginalizados sejam representados com a mesma complexidade e respeito atribuídos às culturas dominantes.

Em contraponto, o design decolonial propõe não apenas a rejeição dessas práticas, mas a valorização de processos de ressignificação tipográfica, nos quais formas visuais são apropriadas criticamente por grupos sociais. Nesse contexto, a tipografia deixa de operar como marca de exotização e passa a atuar como ferramenta de construção identitária, memória cultural e afirmação política.

5.3 Construção de novas narrativas visuais e valorização da identidade

A construção de novas narrativas visuais constitui uma dimensão central nos processos de descolonização no design gráfico, especialmente no que se refere à valorização da

identidade negra. Experiências individuais de deslocamento, não pertencimento e busca por reconhecimento, frequentemente relatadas em diferentes contextos sociais, evidenciam como a ausência de representações visuais diversas impacta a construção subjetiva e coletiva das identidades.

Nesse sentido, ambientes digitais e produções culturais contemporâneas, como arte, design, cinema e jogos, têm desempenhado papel relevante na ampliação de repertórios visuais e na criação de espaços simbólicos de identificação. Ainda que essas representações sejam, por vezes, limitadas ou incompletas, elas indicam a importância de um design comprometido não apenas com a representação, mas com a construção de visualidades mais complexas, plurais e afirmativas.

A criação de representações mais diversas e contextualizadas da identidade negra configura-se, portanto, como uma estratégia fundamental. Ao reconhecer as estéticas e culturas afro-brasileiras e africanas como fontes legítimas de produção visual, o design amplia suas possibilidades expressivas e contribui para processos de resistência e reconfiguração simbólica.

Nesse contexto, o movimento *Black Lives Matter* constitui um exemplo significativo de como o design visual pode atuar como ferramenta de ativismo e fortalecimento identitário (Figura 9). Por meio de logotipos, cartazes, murais e campanhas digitais, o movimento não apenas denuncia a violência racial, mas também constrói uma iconografia de pertencimento, resistência e mobilização coletiva, reconfigurando narrativas visuais historicamente marcadas pela opressão.



Figura 9 - Logo oficial movimento *Black Lives Matter*. **Nota.** Adaptado de *Black Lives Matter Logo* [Logotipo], de Organização Black Lives Matter, 2015.

A experiência biográfica e o “lugar de fala”¹ do designer ou artista negro configuram-se como elementos fundamentais tanto para a prática quanto para a pesquisa em design decolonial. A sub-representação de designers negros no campo do design constitui uma problemática histórica que estudos recentes buscam tensionar, ampliar e reconfigurar.

Nesse contexto, a valorização da autoria e do “lugar de fala” de sujeitos pertencentes a grupos historicamente subalternizados mostra-se essencial para a construção de narrativas visuais mais complexas, situadas e não exotificadas, capazes de refletir suas experiências e perspectivas (Marinho & Ribeiro, 2025).

O trabalho de Leandro Assis (Figura 10) destaca-se nesse cenário ao mobilizar o design gráfico como ferramenta crítica e bem-humorada para abordar questões relacionadas à cultura negra, às relações de gênero e aos direitos LGBTQIA+. Sua produção evidencia como a inserção de outras perspectivas no campo do design não apenas amplia repertórios visuais, mas também contribui para a criação de conteúdos mais engajados, politicamente situados e socialmente relevantes.

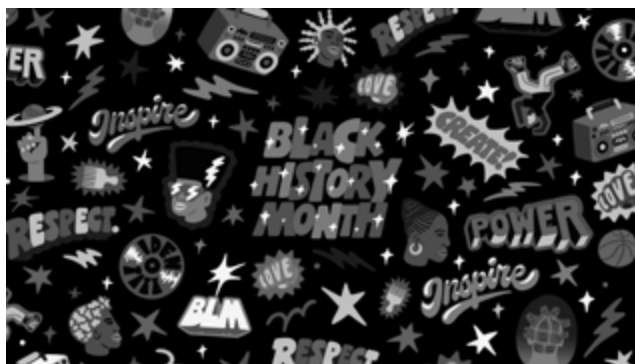


Figura 10 - Yoodle para o mês da história negra YouTube. **Nota.** Adaptado de *Black History Month* [Ilustração digital], de L. Assis, 2021.

A ampliação da visibilidade de profissionais negros constitui um passo fundamental para a descolonização do campo do design. Iniciativas como o projeto “Designers Negres no Brasil - DNBR” (Figura 11) desempenham papel relevante nesse processo, ao operarem como plataformas digitais voltadas ao mapeamento e à valorização de designers negros (Queiroz, 2020).

Ao tornar visíveis trajetórias, produções e práticas desses profissionais, o projeto atua diretamente no enfrentamento de processos históricos de apagamento, contribuindo para a reconfiguração do campo do design em direção a um mercado de trabalho mais diverso, inclusivo e representativo.



Figura 11 - Projeto plataforma DNBR. Nota. Adaptado de *Designers Negres no Brasil* [Plataforma digital], de L. Queiroz, 2020. <https://designersnegresnobrasil.com.br>

6. Conclusão

A descolonização visual no design gráfico constitui não apenas um campo de investigação teórica, mas uma prática urgente, diretamente relacionada à produção de identidades, à disputa de narrativas e à construção de futuros mais equitativos. Ao longo deste estudo, evidenciou-se que o design, longe de ser neutro, desempenha papel central tanto na reprodução quanto na transformação de estruturas visuais marcadas pelo colonialismo e pelo racismo.

A análise da produção acadêmica permitiu identificar um campo em expansão, caracterizado pela articulação entre teoria decolonial, práticas de design e experiências situadas. As estratégias visuais analisadas, como a reconfiguração de símbolos, o uso consciente de cores e tipografias e a construção de novas narrativas visuais, demonstram o potencial do design como ferramenta crítica, capaz de tensionar regimes de visualidade e promover formas mais plurais de representação.

Nesse sentido, o design gráfico e a cultura visual podem atuar como instrumentos de resistência e de transformação social. Como aponta Lupton (2023, p. 14), “ser antirracista é trabalhar ativamente contra o racismo em todas as formas com que ele se manifesta”, o que implica reconhecer o papel do design na produção dessas dinâmicas. De modo convergente, Marinho, Barros e Ribeiro (2021) afirmam que “descolonizar o design implica questionar suas bases epistemológicas, estéticas e éticas, buscando formas de concepção e prática que reflitam a pluralidade de saberes e culturas”.

Apesar dos avanços, a análise também evidenciou lacunas importantes, especialmente no que se refere ao aprofundamento metodológico e à operacionalização prática do design decolonial. Torna-se fundamental ampliar investigações sobre as contribuições de estéticas não ocidentais, bem como sobre as condições de atuação de designers negros no campo profissional e acadêmico.

Por fim, destaca-se que o design gráfico possui potencial não apenas para analisar estruturas de opressão visual, mas para construir alternativas e imaginar novos horizontes. Ao contribuir para a descolonização do pensamento e das imagens, o design atua como agente fundamental na promoção da justiça social e na construção de um futuro mais diverso, inclusivo e digno.

7. Nota

1. O conceito de “lugar de fala” refere-se à posição social e histórica a partir da qual um indivíduo se expressa, considerando as condições estruturais que atravessam categorias como raça, gênero e classe. Trata-se de uma noção que não essencializa identidades, mas reconhece que diferentes experiências sociais produzem perspectivas distintas sobre o mundo. Sua relevância reside em evidenciar que subalternizados, são fundamentais para a produção de conhecimento. O conceito não busca silenciar outras vozes, mas evidenciar a necessidade de dar destaque a narrativas que foram sistematicamente invisibilizadas ou apagadas.

8. Referências Bibliográficas

- Borges, I. I. S. (2023). *Design gráfico como forma de descolonização: Um estudo e reflexão sobre discursos visuais de discriminação e formas de combatê-los* [Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa]. <https://iconline.ipleiria.pt/handle/10400.8/4035>
- Buckley, C. (2025). *Design no patriarcado* (1ª ed.). Clube do Livro do Design.
- Corat, C. S., & Henriques, F. (2016). O design gráfico inclusivo como ferramenta de empoderamento de jovens negras. *Blucher Design Proceedings*, 2(9), 3134–3142. <https://doi.org/10.5151/despro-ped2016-0269>
- Costa, E. G. (2022). *Não me diga isso: Uma campanha que explora o design gráfico como ferramenta antirracista* [Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal de Uberlândia]. <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/36322>
- De Carli, A. A. (2017). De Shirley a Sheila: Apontamentos para descolonização do jornalismo a partir da imagem. *Iluminuras*, 18(43), 240–254. <https://doi.org/10.22456/1984-1191.72886>
- Fernandes, L. F., & Dasinger, R. M. M. (2024). *O impacto do racismo algorítmico para a publicidade: Uma análise da representatividade negra no banco de imagens Freepik* [Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal do Rio Grande do Norte]. <https://repositorio.ufrn.br/items/31f935f9-76cf-4562-865c-9ad9e12d5c66>
- Flores, T. M., & Järdeemar, C. (2019). Vistas imperiais: Visualidades coloniais e processos de descolonização. *Vista*, 5, 9–24. <https://www.cecs.uminho.pt/pt/publicacao/vistas-imperiais-visualidades-coloniais-e-processos-de-descolonizacao/>

- Hooks, b. (2020). *Olhares negros: Raça e representação*. Elefante.
- Kyrrillos, G. M. (2019). “O que é lugar de fala?” de Djamila Ribeiro. *Captura Críptica: Direito, Política e Atualidade*, 7(1), 209–214. <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/capturacriptica/article/view/3340>
- Lupton, E. (2023). *Extra bold: Um guia feminista, inclusivo, antirracista, não binário para designers*. Editora Olhares.
- Marinho, C., Barros, C., & Ribeiro, B. (Orgs.). (2021). *II Colóquio de Pesquisa e Design: De(s)colonizando o design*. Nadifúndio. <https://design.ufc.br/pt/anais-ii-coloquio-pesquisa-e-design/>
- Marinho, C., & Ribeiro, B. (2025). *Reflexões sobre design, decolonialidade e diversidade* [Material de curso]. Centro de Design do Ceará.
- Meirinho, D. (2020). Ressignificações contemporâneas dos imaginários racializados nas artes visuais. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 16(23), 55–70. <https://periodicos.ufes.br/farol/article/view/34029>
- Mignolo, W. D. (2011). *The darker side of the Renaissance: Literacy, territoriality and colonization* (2nd ed.). University of Michigan Press.
- Pater, R. (2020). *Políticas do design: Um guia (não tão) global de comunicação visual*. Ubu.
- Queiroz, L. (2020, June 4). Designer cria plataforma digital para aumentar visibilidade de profissionais negros na área. *Casa Vogue*. <https://casavogue.globo.com/Design/Gente/noticia/2020/06/designer-cria-plataforma-digital-para-aumentar-visibilidade-de-profissionais-negros-na-area.html>
- Quijano, A. (2002). Colonialidade, poder, globalização e democracia. *Novos Rumos*, 17(37), 4–30. <https://doi.org/10.36311/0102-5864.17.v0n37.2192>
- Salgado, D. (2019, March 13). Um ano após assassinato de Marielle, placas se tornam símbolo em protestos. *O Globo*. <https://oglobo.globo.com/epoca/um-ano-apos-assassinato-de-marielle-placas-se-tornam-simbolo-em-protestos-23523249>
- Silva, J., & Cotrim, J. P. (2018). *O sono desliza perfumado*. Abysmo.
- Soares Silva, V. S., & Moreira, P. R. M. (2023). Descolonizar o olhar: O amálgama entre texto, projeto gráfico e ilustração na obra de Anabella López. *Leia Escola*, 23(3), 101–115. <https://doi.org/10.5281/zenodo.11276421>
- Toniazzi, F. (2022). *A descolonização das imagens na cinescrita de Agnès Varda: Manifesto para uma emancipação do olhar* [Dissertação de mestrado, Universidade do Porto]. <https://hdl.handle.net/10216/145693>
- Williams, H. (2006, February 10). bell hooks speaks up. *The Sandspur*. <https://thesandspur.org/bell-hooks-speaks-up/>

Abstract: This article presents an analysis of the role of graphic design in processes of visual decolonization and the construction of Black identities in the contemporary context. It is proposed as a qualitative cartography of academic production published between 2016 and 2024, based on systematic searches in Google Scholar and the Capes

Portal of Journals. The corpus of analysis consists of articles, dissertations, and theses that address the relationship between design, decoloniality, and representations of Blackness. The theoretical framework is based on contributions from decolonial authors such as Aníbal Quijano and Walter Dignolo, articulated with critical reflections by bell hooks, Ellen Lupton, and Ruben Pater, among others, which demonstrate how visual culture has historically reproduced colonial and racist narratives. Through content and comparative analysis, it was identified that images, illustrations, and photographs are the most recurrent elements in practices of resistance, accompanied by strategies related to the re-signification of symbols, typography, and the political use of color. The study highlights three research axes: design as an anti-racist and resistant practice; critique of hegemonic visualities; and the representation of Blackness in digital environments affected by algorithmic racism. Among the main conclusions, it is affirmed that graphic design, far from being neutral, is configured as a political and aesthetic tool capable of deconstructing colonial narratives, making historically subalternized experiences visible, and contributing to social justice through the creation of new, more inclusive, and emancipatory visual narratives.

Keywords: Decolonial design - Visual racism - Blackness - Visual communication - Black identity.

Resumen: Este artículo presenta el análisis del papel del diseño gráfico en los procesos de descolonización visual y en la construcción de identidades negras en el contexto contemporáneo. Se propone como una cartografía cualitativa de la producción académica publicada entre 2016 y 2024, a partir de búsquedas sistemáticas en Google Académico y en el Portal de Periódicos de Capes. El corpus de análisis estuvo compuesto por artículos, disertaciones y tesis que abordan la relación entre diseño, decolonialidad y representaciones de la negritud. El marco teórico se fundamenta en contribuciones de autores decoloniales como Aníbal Quijano y Walter Dignolo, articuladas con reflexiones críticas de bell hooks, Ellen Lupton y Ruben Pater, entre otros, que evidencian cómo la cultura visual ha reproducido narrativas coloniales y racistas a lo largo de la historia. A partir de un análisis de contenido y comparativo, se identificó que imágenes, ilustraciones y fotografías constituyen los elementos más recurrentes en las prácticas de resistencia, acompañadas de estrategias vinculadas a la resignificación de símbolos, la tipografía y el uso político del color. El estudio destaca tres ejes de investigación: el diseño como práctica antirracista y de resistencia; la crítica a las visualidades hegemónicas; y la representación de la negritud en entornos digitales atravesados por el racismo algorítmico. Entre las principales conclusiones, se afirma que el diseño gráfico, lejos de ser neutro, se configura como herramienta política y estética capaz de deconstruir narrativas coloniales, visibilizar experiencias históricamente subalternizadas y contribuir a la justicia social mediante la creación de nuevas narrativas visuales más inclusivas y emancipadoras.

Palabras clave: Diseño decolonial - Racismo visual - Negritud - Comunicación visual - Identidad negra.

[Las traducciones de los abstracts fueron supervisadas por el autor de cada artículo.]

Murilo Borges. Artista visual formado pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG, com experiência em design gráfico e editorial. Atualmente pesquisa projetos que integram artes visuais, educação e valorização da cultura negra por meio de linguagens visuais e mídias contemporâneas. murilopxz@gmail.com

Fabiane Pianowski. Professora de Artes Visuais na Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Atua em ensino, pesquisa, extensão e cultura em comunicação visual, arte-educação e poéticas visuais. Coordenadora da Editora e Gráfica (EDGRAFI/PROEXC) e do Núcleo Artes Visuais em Extensão (NAVE). fabiane.pianowski@gmail.com